

Novos Paradigmas da Psicologia e das Terapias Psicológicas Pós-modernas

Ercy José Soar Filho¹

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO - A psicologia em geral e as terapias psicológicas em particular, passam na atualidade por uma extensa revisão de suas bases epistemológicas. Essa revisão está associada, por um lado, aos desenvolvimentos que colocam em xeque os paradigmas tradicionais da ciência e, por outro, às mudanças culturais que repercutem especialmente nas ciências humanas e sociais e que caracterizam o pós-modernismo. Neste trabalho são apresentados os fundamentos do construtivismo e do construcionismo social, enquanto duas vertentes dessas mudanças, os quais desembocam no que vem sendo denominado de "psicologia pós-moderna": um discurso de segunda ordem sobre as teorias psicológicas e uma perspectiva fundamentalmente pragmática para as terapias psicológicas e as práticas vinculadas ao campo da saúde mental.

Palavras-chave: psicologia pós-moderna; epistemologia; construtivismo; construcionismo social, psicoterapia.

New Paradigms of Post-Modern Psychology and Psychological Therapies

ABSTRACT - Nowadays psychology in general and the psychological therapies in particular go through an extensive review concerning their epistemological bases. On one hand, this review is associated with the developments that raise doubts about the traditional paradigms of science and, on the other hand, about cultural changes and its reflection especially in humanities and social sciences, which characterize post-modernism. The present work presents the basis of constructivism and social constructionism, two streams of the so-called *post-modern psychology*: a second order discourse about the psychological theories, and a pragmatic perspective for the psychological therapies and the practices linked to the field of mental health.

Key words: post-modern psychology; epistemology; constructivism; social constructionism, psychotherapy.

Aos três anos, o sujeito começa a inventar o mundo. Minha família morava na praia. E eu começava a inventar o mundo. Primeiro, foi o mar. Não, não. Primeiro, inventei o caju selvagem e a pitanga brava.

(Nelson Rodrigues, *O óbvio ululante*)

Este final de século vem se caracterizando pela renovação dos paradigmas do conhecimento científico e da cultura, e as ciências da mente não estão alheias a esses movimentos. Os desenvolvimentos recentes no campo da psicologia e das terapias psicológicas estão relacionados principalmente à compreensão de que o conhecimento *sobre o* sujeito não está dissociado do conhecimento *do* sujeito; ou seja, de que não é possível separar aquilo (ou aquele) que é conhecido daquele que conhece; no caso da psicologia, o ser humano "observado" do ser humano "observador".

Estamos na peculiar situação de sermos, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto do próprio conhecimento: tal fato torna indissociável a psicologia (aqui entendida como sinônimo das ciências da mente e do comportamento em geral) da epistemologia (a disciplina que se dedica ao estudo das bases do conhecimento).

Embora a palavra "epistemologia", quando empregada no singular, como acima, tenha o sentido de uma disciplina filosófica, ou mais genericamente de uma reflexão sobre a lógica interna e os critérios de validação dos diversos campos do conhecimento, pode-se falar também em "epistemologias", no plural, como sinônimo de "visão de mundo" ou de "paradigma". McCulloch e Bateson (citados por Pakman, 1991) diziam que todo indivíduo, sociedade, família ou teoria têm uma epistemologia e os que dizem o contrário têm uma muito ruim, uma vez que parte do pressuposto de que sua visão de mundo é a única verdadeira. Nesse caso, *uma* determinada versão da realidade se transforma em *a* realidade, porque não se reconhece a existência de processos biológicos, sociais, culturais, que restrinjam, mediatizem, construam esse conhecimento.

Ao longo deste trabalho, utilizaremos a palavra geralmente nesse último sentido, procurando delinear quais as epistemologias que informam, na contemporaneidade, as novas formas de terapias psicológicas. Em linhas gerais, nos ocuparemos de duas vertentes que caracterizam as mudanças pelas quais a psicologia passa hoje: a primeira refere-se

1 Trabalho derivado da dissertação de Mestrado em Psicologia intitulada *Varius Multiplex Multiformis: epistemologia do self no pós-modernismo*, defendida no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, em 31 de outubro de 1997. O autor deseja expressar seu agradecimento aos professores Dr. José Antônio Damásio Abib e Dra. Maria Aparecida Crepaldi.

2 Endereço: Médico psiquiatra, terapeuta familiar e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. R. Henrique Brüggemann, 90 - ap. 801 - 88015-650 Florianópolis SC - E-mail: ejsoar@bbsoptions.com.br

à revolução paradigmática provocada pelas novas teorias científicas, sobretudo no campo da física, e pelo desenvolvimento de um modelo sistêmico que pensa os fenômenos inseridos em contextos complexos e auto-recursivos; a segunda diz respeito às mudanças nos modelos culturais que vieram a caracterizar o que se pode denominar de "pensamento pós-moderno", o qual contextualiza e relativiza as realidades compartilhadas enquanto construções sociais.

A Ciência Contemporânea

Na atualidade, estão colocados em xeque vários dos princípios fundamentais da ciência tradicional, oriundos sobretudo da física mecânica de Newton que até então servia de paradigma para toda produção de conhecimento científico (Morin, 1990/1997; Prigogine & Stengers, 1979/1985; Zohar, 1990). As categorias newtonianas de *espaço*, *tempo*, *matéria* e *causalidade*, em torno das quais a produção científica se estruturou e que tão profundamente se incorporaram à nossa percepção da realidade em geral, já não gozam do estatuto de categorias universais e válidas para todos os âmbitos. Não só elas estão sob suspeita, mas o modelo de ciência como um todo, o qual apontava para o ideal de racionalidade, objetividade e neutralidade do conhecimento, e cujo método baseava-se na decomposição dos fenômenos em relações simples de causalidade, na elaboração de leis gerais, na verificação empírica e na replicabilidade dos resultados.

Como parte dessa revolução paradigmática, os modelos de causalidade linear deram lugar a modelos de causalidade circular, ou de retroalimentação, a partir de um conjunto de empreendimentos científicos em áreas afins - como a cibernética, a teoria geral dos sistemas, a teoria da comunicação e a biologia - que constituíram o campo do *pensamento sistêmico*, o qual foi aplicado não apenas aos sistemas mecânicos, mas também aos sistemas biológicos e culturais (Esteves de Vasconcellos, 1995; Rapizo, 1996).

Ao propor um novo modelo para a ciência, baseado no pensamento complexo, o epistemólogo Edgar Morin (1990/1997) afirma que as ciências tradicionais estão alicerçadas em um *paradigma da simplificação*. Para controlar e dominar a realidade, o pensamento simplificador *ou bem separa o que está ligado (disjunção), ou bem unifica o que é diverso (redução)* (p. 89). A ciência clássica eliminou de seu universo o acidente, o aleatório, o contraditório e o singular, operando com abstrações e generalizações crescentes, com a especialização do saber e com as formas clássicas de lógica. Para Morin,

enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as conseqüências mutilantes, reducionistas, unidimensionais e finalmente cegadoras de uma simplificação que se toma por reflexo daquilo que houvesse de real na realidade, (p. 22)

Nessa mesma direção, e baseando-se tanto em Morin quanto em Prigogine e Stengers, Esteves de Vasconcellos (1995) descreve três grandes eixos de mudança que caracte-

rizam as novas tendências da ciência contemporânea em relação à ciência tradicional:

- a. *Da simplicidade à complexidade*: a simplicidade das representações macroscópicas, características da ciência tradicional, não pode ser aplicada ao estudo do comportamento de sistemas muito grandes (por exemplo, o universo) ou muito pequenos (os átomos);
- b. *Da estabilidade à instabilidade do mundo*: a ciência tradicional não apenas acreditou na simplicidade do mundo, como também na sua estabilidade. Os novos paradigmas da ciência questionam esta estabilidade, ou seja, reconhecem a instabilidade dos sistemas observados e, conseqüentemente, passam a operar com noções tais como indeterminação, desordem, irreversibilidade, imprevisibilidade, acaso, ordem a partir de flutuações e auto-organização;
- c. *Da objetividade à 'objetividade entre parênteses' ou intersubjetividade*: a ciência tradicional pretendia ver o mundo como um objeto, descrevê-lo de forma a eliminar toda a interferência do observador. Entretanto, desde a teoria geral da relatividade de Einstein, já não se pode mais pensar a descrição, mesmo dos fenômenos físicos, independentemente de quem os observa. Uma nova epistemologia se desenvolve a partir desta constatação, a qual passa a conceber a realidade como uma co-construção de diversos aportes científicos.

A expressão "objetividade entre parênteses", cunhada por Humberto Maturana, busca dar conta da impossibilidade de se realizar qualquer descrição sem que se leve em conta os processos cognitivos daquele que observa e descreve, e de que toda descrição nos diz mais do observador que do observado. Nem por isso esses processos são concebidos de uma forma desconectada dos contextos mais amplos. Ao contrário, como afirmam Maturana e Varela (1987/1995):

não há uma descontinuidade entre o social e o humano e suas raízes biológicas. O fenômeno do conhecer é um todo integrado, e todos os seus aspectos estão fundamentados sobre a mesma base. (p. 69)

As relações entre a ciência tradicional e a ciência contemporânea não são de exclusão, mas de superação dialética, de tal forma que a segunda ultrapassa e incorpora a primeira. Os modelos de causalidade linear ou simples não são descartados, mas compreendidos como *partes de modelos de complexidade crescente*. O modelo sistêmico sugere a metáfora de subsistemas de sistemas maiores, que por sua vez funcionam como subsistemas de outros ainda mais amplos e complexos. Não se trata, portanto, de abandonar uma epistemologia linear-progressiva para passar a uma concepção recursiva: pensar a Terra plana ainda serve para a construção de um edifício e para a maior parte das obras de engenharia, enquanto se faz necessário pensá-la curva para a navegação. Em outras palavras, a causalidade circular pode ser decomposta, ou fragmentada, em arcos parciais de causalidade mais simples. Na *ciência contemporânea emergente* (Esteves de Vasconcellos, 1995), a noção de sistema aparece como conceito fundamental na investigação científica, uma vez que os fenômenos já

não são isolados de seus contextos, passando a ciência a examinar unidades cada vez maiores.

As transformações paradigmáticas das quais estamos nos ocupando encontram no *construtivismo* um campo de reflexão epistemológica e de geração de novas práticas científicas que o retroalimentam positivamente. O *construtivismo*, ou *construtivismo radical* (Von Glaserfeld, 1981/1994), é um dos pilares centrais do debate epistemológico que caracteriza a psicologia contemporânea, ao lado do *construcionismo social*, que será discutido adiante. Apesar das semelhanças e coincidências entre ambos, existem razões para descrevê-los separadamente. Enquanto o primeiro tende a promover uma imagem do sistema nervoso como uma máquina fechada, mantendo o pressuposto de que se pode falar em processos cognitivos individuais, o construcionismo social propõe uma perspectiva segundo a qual a realidade é uma construção social, só pode ser entendida a partir da diversidade histórica e cultural dos discursos sociais.

Construtivismo

O construtivismo é um campo interdisciplinar de reflexão epistemológica, em cujo desenvolvimento as terapias familiares tiveram um importante papel e confunde-se em grande medida com o que se convencionou denominar de "cibernética de segunda ordem". Uma breve descrição do construtivismo deve passar necessariamente por sua origem, nos estudos de Norbert Wiener sobre *cibernética* e sua aplicação aos sistemas humanos, e na *teoria geral dos sistemas* de von Bertalanffy (Boscolo, Cecchin, Hoffman & Penn, 1987/1993; Esteves de Vasconcellos, 1995; Hoffman, 1981; Keeney, 1983; Pakman, 1991; Rapizo, 1996; Sluzki, 1987).

A cibernética é uma disciplina que surge na década de cinquenta e que tem por tema central a regulação e o controle dos sistemas. Sua denominação deriva da palavra grega *kybernetes*, que significa "piloto". Uma noção central para a cibernética é a de *circularidade*, com a qual se busca dar conta do funcionamento de sistemas auto-reguladores, que realizam correções de trajetória ou de funcionamento através da retroalimentação dos dados com os quais operam. São exemplos de máquinas cibernéticas o ar condicionado, que regula a temperatura através das informações captadas pelo termostato, e os mísseis dirigíveis, que possuem sistemas de radar responsáveis pelas correções de rota. Em resumo, a cibernética foi inicialmente um modelo explicativo para a comunicação nos sistemas artificiais (Esteves de Vasconcellos, 1995; Rapizo, 1996)

A aplicação da cibernética aos campos social e biológico, enquanto sistemas auto-reguladores, foi ampliada por um grupo interdisciplinar de estudos sobre doença mental, constituído em Palo Alto (Califórnia), que assimilou a essa teoria os conceitos provenientes da teoria da comunicação humana, resultando daí a obra seminal para as atuais terapias familiares: *Pragmática da comunicação humana* (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1967/1988). Desses primeiros desenvolvimentos teóricos e de suas conseqüências práticas surgiram conceitos já clássicos para o que veio a se denominar de

"terapia familiar sistêmica", tais como os de *sistema familiar*, *homeostasia*, *causalidade circular* e *retroalimentação*.

A primeira cibernética (ou "cibernética de primeira ordem") parte, todavia, do pressuposto de que é possível um conhecimento objetivo sobre a realidade e, por isso mesmo, é denominada de cibernética dos *sistemas observados*. Além disso, mantém seu foco de interesse nos mecanismos de homeostase, utilizando o modelo proveniente dos sistemas artificiais. A cibernética dos sistemas vivos e antropossociais conduziu ao que veio a ser uma "cibernética de segunda ordem" - ou cibernética dos *sistemas observantes* - tendo como uma referência básica a obra de von Foerster, *Cibernética of cibernética*, na qual é colocada em evidência a impossibilidade de uma observação neutra e objetiva da realidade (Esteves de Vasconcellos, 1995; Pakman, 1988, 1991). Tal desenvolvimento teórico ancorou-se firmemente também no pensamento epistemológico de Gregory Bateson.

Bateson (1979/1986), ao analisar os processos de produção de saber com os quais opera a ciência, propõe várias revisões sobre as convicções generalizadas a este respeito. Uma síntese de suas idéias, que corre o risco de parecer grosseira, pode ser expressa em três axiomas: (a) *a ciência nunca prova nada*, ela apenas aperfeiçoa as hipóteses e às vezes as refuta; (b) *o mapa não é o território e o nome não é a coisa designada*. E preciso estabelecer uma clara clivagem entre os constructos teóricos, enquanto metáforas, descrições aproximativas e provisórias da realidade, e a realidade "objetiva", existente fora da percepção humana; e, portanto, (c) *não existe experiência objetiva*, de tal forma que todo conhecimento tem que ser contextualizado. Nenhum sistema pode ser observado - e descrito - sem que a própria observação (a presença do observador ou a mediação de seu aparato cognitivo) seja tomada em consideração como um elemento central dos processos descritos.

Maturana e Varela (1987/1995), por sua vez, pesquisaram as bases biológicas do conhecimento humano, caracterizando os seres humanos como sistemas "autopoieticos" ou autoprodutores. O que distingue a organização dos seres vivos da organização de outros sistemas - afirmam eles - é o fato de que estes têm como finalidade produzirem a si mesmos, não existindo separação entre produto e produtor:

o ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis, e esse constitui seu modo específico de organização, (p. 89)

Do ponto de vista da teoria da ciência, essas premissas questionam as possibilidades de um conhecimento positivo sobre a realidade, o que vale, recursivamente, para a própria *realidade do conhecimento*. As questões de ordem epistemológica que se colocam, então, estão bem formuladas por Behncke (1987/1995):

Qual é a organização de um sistema que está organizado de maneira tal que pode descrever os fundamentos que o capacitam a realizar seu próprio descrever? Como pode então um sistema conhecer sua dinâmica cognoscitiva, se sua dinâmica cognoscitiva (que é o que deseja conhecer) é simultaneamente seu próprio instrumento de conhecer? Pode o homem se conhecer a partir do homem? - eis a pergunta, (p. 35)

Entre as conseqüências que a perspectiva construtivista traz para as teorias do *self* e para as terapias psicológicas (entendidas também como um sistema de observação e de descrição de interações), estão:

- (a) o *self* já não pode ser entendido como uma entidade ou uma unidade fenomenológica desvinculada dos contextos de observação e descrição. Por "contextos", neste caso, podemos entender o sistema familiar (o grupo imediato de pessoas que - através de suas percepções e descrições compartilhadas *constituem* junto com o indivíduo aquilo que ele passa a vivenciar como o seu "eu") ou qualquer outro grupo significativo do qual o indivíduo participa, inclusive os sistemas terapêuticos. O *self* passa a ser visto, portanto, em termos relacionais, processuais e contextuais, mais do que como uma estrutura relativamente fixa e permanente;
- (b) o deslocamento da função interpretativa (construção de narrativas e atribuição de significados) do terapeuta para o sistema terapêutico. O terapeuta já não é o depositário das únicas teorias "corretas", o portador das únicas hipóteses "verdadeiras" e, tampouco, está em posição de falar desde uma posição de neutralidade em relação ao cliente (indivíduo, casal ou família), uma vez que sua simples presença já é suficiente para modificar o sistema observado;
- (c) a utilização de práticas metacomunicacionais no processo terapêutico. A natureza recursiva dos eventos de interação entre terapeuta e cliente não tem outra saída senão que o sistema terapêutico comunique-se sobre as mensagens que ele mesmo veicula, ou seja, que ocorra uma *metacomunicação*. Para esse fim, foram desenvolvidas inúmeras técnicas de metadiálogos: entre o terapeuta e os clientes, entre um terapeuta e seu co-terapeuta, entre o terapeuta e um grupo de observação, entre o grupo de observação e o grupo terapêutico, etc.⁴

O Pensamento Pós-Moderno

Aquilo que denominamos neste texto de "psicologia pós-moderna" não deve ser entendido como uma nova teoria psicológica, mas como a aplicação de um novo discurso (um discurso de segunda ordem, uma epistemologia) a esse campo do conhecimento: um *pensamento pós-moderno*, que se articula com as mudanças nos paradigmas culturais da segunda metade deste século, sobretudo no campo das ciências humanas e sociais, e que está claramente definido por Kvale (1992):

O pensamento pós-moderno substitui a concepção de uma realidade independente do observador pela noção de que é a linguagem que de fato constitui as estruturas de uma realidade social em perspectiva. A dicotomia moderna entre uma rea-

- 3 O termo *self* (plural: *selves*) poderia ser traduzido, com algum prejuízo ao sentido original, como "eu" ou "si mesmo". Optamos, entretanto, por manter a palavra em inglês, uma vez que já é bastante conhecida no meio científico (motivo pelo qual a empregaremos doravante sem caracteres itálicos ou aspas).
- 4 O modelo de equipes reflexivas em terapia familiar, elaborado por Andersen (1987), é exemplar das técnicas metacomunicativas.

lidade objetiva, distinta das imagens subjetivas, está sendo abandonada e substituída pela hiper-realidade de signos auto-referenciados. Há uma crítica da busca modernista por formas fundamentais e da crença no progresso linear através da acumulação do conhecimento. A dicotomia entre leis sociais universais e o self individual é substituída pela interação de redes locais. O pensamento pós-moderno envolveu uma expansão da razão, foi além dos domínios cognitivos e científicos para permear da mesma maneira aqueles da ética e da estética; analisou o nexa entre poder e saber e, em particular, a desindividualização do poder em estruturas anônimas, (pp. 2-3)

No modernismo, a ciência teve como eixos epistemológicos a confiança no método empírico, o estabelecimento de domínios especializados de estudo e a ambição de se estabelecer uma lógica única para todos os empreendimentos científicos. Esses pressupostos estão relacionados à busca do conhecimento objetivo do mundo e à crença na possibilidade de prever e manipular os eventos naturais e sociais (Gergen, 1991, 1992).

As ciências psicológicas participaram entusiasticamente dessas aspirações modernistas. A psicologia acadêmica, que nasceu na virada do século com Wilhelm Wundt, na Alemanha, e com William James, nos Estados Unidos, constituiu-se enquanto *ciência experimental da mente*, ainda que permanecesse vinculada à tradição hermenêutica de seus fundadores. Era ao mesmo tempo filosofia, ciência humana e ciência natural. A psicologia permaneceu a meio caminho entre a filosofia e a fisiologia até que a preocupação com o atendimento às exigências positivistas (que definiam as fronteiras entre ciência e não-ciência) a levasse ao repúdio dos elementos sociológicos e filosóficos da nova disciplina, movimento bem representado pelo manifesto behaviorista de John Watson (Abib, 1996).

Por outro lado, na mesma época surgia a psicanálise sob o signo de uma ambivalência fundamental: a de constituir-se numa disciplina científica sem, no entanto, sujeitar-se aos rigores metodológicos que os paradigmas dominantes impunham, já que ser uma ciência, então, significava ser uma ciência *natural*. Freud, de fato, oscilou entre a adesão a uma perspectiva hermenêutica, que tinha ressonâncias com sua formação humanística, e a tentativa de obter legitimação valendo-se de metáforas das ciências naturais e de modelos explicativos provenientes de sua formação de cientista experimental (Assoun, 1983; Zusman, 1988).

No pós-modernismo, por outro lado, os paradigmas modernistas da ciência e da cultura estão sob uma profunda revisão. Segundo Gergen (1992), as principais mudanças que marcam a passagem da modernidade para a pós-modernidade nas ciências são:

- a. *O desaparecimento de um objeto básico*: no modernismo existe a crença em um mundo que pode ser conhecido, demandando de cada disciplina que delimite o seu tema de investigação. Em psicologia, esse tema pode ser tanto a natureza da mente (cognição, motivação, emoção, etc), quanto os comportamentos observáveis. O pensador ou investigador tradicional acredita na existência de um objeto básico, que é refletido pelo discurso. O

cientista pós-moderno entende que o objeto é uma construção lingüística, e que toda reificação do discurso está sujeita às amarras ideológicas e morais que permeiam os processos sociais de negociação de significados;

- b. *A passagem das propriedades universais à reflexão contextual*: no modernismo existe a crença na existência de princípios ou leis que permitem o conhecimento das qualidades fundamentais do objeto e a conseqüente possibilidade de predição de fenômenos. No pós-modernismo, as investigações estão interessadas na compreensão auto-reflexiva das circunstâncias históricas e culturais em que são realizadas, e nos aspectos singulares e locais dos seus objetos. Por exemplo, atribuir um valor universal - enquanto objeto central da psicologia - à "cognição" equívale a generalizar uma determinada visão ocidental (já que nem todas as culturas atribuem processos cognitivos ao indivíduo isolado). Da mesma forma, tal pressuposto mascara um compromisso com uma ideologia individualista ao encarar o sujeito como capaz de isoladamente tomar decisões e constituir a si mesmo;
- c. *A marginalização do método*: o modernismo acredita na possibilidade de atingir-se a verdade através do método empírico e, portanto, que tal método pode ser impessoal e universal. Tal crença reflete-se, segundo Gergen (1992), nos cursos de pós-graduação em psicologia, nos quais existe grande ênfase em metodologias de pesquisa e pequena atenção ao estudo dos fundamentos filosóficos e históricos necessários à análise criticadas investigações; e, como conseqüência desses pressupostos,
- d. *O fim da crença no caráter progressivo da pesquisa*: o modernismo acredita na progressão linear do conhecimento em direção à obtenção da verdade, crença que dá lugar a uma consciência de que, como demonstrou Kuhn (1962), para além de acrescentar novos conhecimentos, o que a ciência faz é mudar o ponto de vista sobre o mundo.

Em resumo, o interesse modernista pela busca de verdades universais e objetivas dá lugar a uma perspectiva mais fragmentária do mundo e à idéia de que a linguagem não apenas copia o mundo, mas o *constitui* da forma como o conhecemos. As narrativas são matéria-prima para a permanente reconstrução das realidades socialmente compartilhadas. O psicólogo pós-moderno não está preocupado com a verdade última dos fenômenos observáveis e nem acredita na possibilidade de uma observação passiva e neutra dos fenômenos. Ele está atento às múltiplas versões através das quais os eventos são relatados e nas possíveis novas versões que possam ser construídas sobre eles.

O pensamento pós-moderno, como sintetiza Kvale (1992), enfatiza o fato de que todo ser humano está enraizado em situações históricas e culturais específicas. O foco das investigações pós-modernas está nas articulações existentes no interior de um contexto local, na construção social da realidade e no próprio self como uma rede de relações, e não como uma entidade reificada e individualizada a ser desvendada pelos métodos de uma arqueologia da mente.

Kvale (1992) caracteriza a psicologia pós-moderna como uma reabilitação do conhecimento prático: *enquanto a psi-*

ciologia acadêmica está se tornando um museu do pensamento moderno, psicólogos profissionais encontram seres humanos no seu mundo atual (p. 48). A psicologia científica, que busca sua legitimação no apego às teorias e ao método das ciências naturais, vem se anquilosando e perdendo espaços para outros ramos do conhecimento como a antropologia, a qual é capaz de construir um discurso sobre as realidades e os contextos locais. Enquanto isso, uma psicologia eminentemente prática emerge e se legitima por seus próprios resultados. O conhecimento prático, como aquele produzido na clínica, articula-se com as demandas da cultura contemporânea, dando respostas a problemas da vida cotidiana. São expressões dessa tendência pragmática da psicologia pós-moderna as *terapias sistêmicas*, as *avaliações de sistemas* e as *pesquisas qualitativas*.

De forma semelhante, Polkinghorne (1992) considera a psicologia acadêmica um produto do modernismo, caracterizado pelo esforço de estabelecer as leis universais do funcionamento psíquico, enquanto a psicologia pós-moderna baseia-se em uma *epistemologia da prática*. A ciência, ao invés de depositária e geradora de teorias e explicações "corretas" sobre a essência dos fenômenos (naturais ou sociais), passa a ter como centro de sua atividade as tarefas de *coletar, organizar e distribuir o conhecimento das práticas que obtiveram os resultados desejados*. Cabe à ciência, além disso, *a exploração de novas práticas em situações seguras e controladas*. Segundo esse autor, os quatro elementos centrais dessa epistemologia da prática podem ser assim sintetizados:

- a. *A inexistência de fundamento seguro* do conhecimento, ou seja, a perda da crença na possibilidade de que um único modelo teórico possa dar conta da complexidade dos fenômenos da existência humana;
- b. *Afragmentaridade* do conhecimento, no sentido de que cada situação é particular, cada cliente é um sujeito único, cuja singularidade não permite a predição de respostas baseadas nos dados experimentais ou nos diversos modelos teóricos;
- c. O *construtivismo*, ao demonstrar que os fatos observáveis não são passíveis de relatos neutros e imparciais quer pelo cliente, quer pelo profissional. A construção das múltiplas versões sobre os fatos está determinada pelos processos cognitivos, assim como pelo aparato conceitual de todos os sujeitos envolvidos. Conectada a essa noção está a de que o compromisso com uma única teoria limita as possibilidades de compreensão e de construção de alternativas para os problemas a serem enfrentados;
- d. O *neopragmatismo*, termo que se refere a uma mudança de perspectiva quanto à validade empírica dos vários modelos de descrição da realidade. Rompe-se, assim, com a suposição de que uma teoria, ou técnica, possa ser *a priori* mais verdadeira ou adequada que outra, e há uma passagem da perspectiva modernista de saber *que* para o saber *como*, própria do pós-modernismo.

Consideramos necessário e pertinente acrescentar uma quinta característica a esse conjunto:

- e. *A interdisciplinaridade*: esse elemento, embora esteja implícito nos anteriores, permeia o *modus operandi* de

amplios setores de atividade no mundo contemporâneo, os quais incluem áreas tão díspares quanto os grandes projetos integrados de engenharia, arquitetura e urbanismo; a co-gestão dos negócios e as novas formas de organização empresarial; os modelos pedagógicos; as artes em geral; e, mais próximo aos nossos interesses, as pesquisas e as práticas na área de saúde mental.

A interdisciplinaridade em saúde mental é uma consequência direta da impossibilidade de um único modelo dar conta da complexidade dos fatos, da fragmentaridade do conhecimento, das diferentes construções sobre a realidade e da busca de melhores resultados através da integração de recursos. Ela é caracterizada pelo diálogo cada vez mais aberto entre a psicologia e a antropologia, a lingüística, as ciências biológicas em geral e as neurociências em particular, e mesmo as ciências mais "duras", como a física (Zohar, 1990). Tal intercâmbio encontra seu lugar comum na geração de uma epistemologia compartilhada, na aplicação cruzada de conceitos e de metáforas, e na difusão de novos paradigmas para a atividade científica (o paradigma sistêmico, por exemplo, que substitui os modelos de causalidade linear). E com esse sentido que Gergen (1985) propõe que se reveja a demarcação, "se é que existe", entre ciência e não-ciência, e sugere

o diálogo entre psicólogos e colegas da mesma mentalidade em sociologia, antropologia, história, filosofia e estudos literários. Se tal diálogo ocorrer, podemos antecipar razoavelmente o desenvolvimento de novos pontos de partida teóricos, de uma meta-teoria para uma nova concepção de ciência, e de uma renovação dos recursos intelectuais, (p. 273)

A meta-teoria proposta por Gergen é o construcionismo social, que é um dos pilares epistemológicos da psicologia contemporânea, juntamente com o construtivismo. O construcionismo vem rapidamente ganhando espaços nos meios clínicos como fundamento teórico para as denominadas "terapias narrativas" (Freedman & Combs, 1996; Omer & Alon, 1997; White & Epston, 1990), baseadas numa visão de self enquanto um constructo indissociável dos contextos narrativos, desde os contextos mais amplos (culturais) até os mais imediatos (família, ambiente de trabalho, relações significativas, sistema terapêutico, etc).

Construcionismo social

Como o define o psicólogo social norte-americano Kenneth Gergen (1985, 1994), mais que um movimento o construcionismo social é uma "consciência compartilhada", uma perspectiva epistemológica que reúne contribuições de diferentes campos das chamadas ciências humanas e sociais, cujo denominador comum é a noção de que todo conhecimento é uma construção social, mediada pelos processos lingüísticos e carregada de valores morais e ideológicos próprios a cada situação cultural e histórica específica. Esse conjunto de críticas ao fundacionalismo empírico reúne contribuições de um amplo leque de vertentes teóricas, as quais têm recebido denominações como "pós-empiricistas", "pós-estruturalistas", "não-fundacionalistas" e "pós-modernas".

Entre estas estão o pensamento de Wittgenstein, a sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann, a história da ciência de Kuhn, o desconstrucionismo francês de Foucault e Derrida, o movimento feminista e de outras minorias sociais (Gergen, 1994); além do próprio campo da terapia familiar (Anderson & Goolishian, 1988, 1992; Cecchin, 1994/1996; Hoffman, 1990, 1992; Sluzki, 1992; White & Epston, 1990)⁵.

O construcionismo social tem no artigo de Gergen (1985), "The social constructionist movement in modern psychology", uma espécie de manifesto programático. Eis o que afirma o autor no resumo deste trabalho:

O construcionismo social considera o discurso sobre o mundo não como uma reflexão ou mapa do mundo, mas como um artefato de intercâmbio social. O construcionismo se constitui num desafio significativo à compreensão convencional, como uma orientação tanto em relação ao conhecimento quanto ao caráter dos constructos psicológicos. Embora as raízes do construcionismo possam ser procuradas nos debates de longa data entre as escolas de pensamento empirista e racionalista, o construcionismo busca ultrapassar o dualismo com o qual ambas as teorias estão comprometidas, e localizar o conhecimento no interior dos processos de intercâmbio social. Ainda que o papel da explicação psicológica se torne problemático, um construcionismo plenamente desenvolvido pode prover um meio para compreender a ciência, e convida ao desenvolvimento de um critério alternativo para a avaliação da investigação psicológica, (p. 266)

As principais premissas que constituem a base do edifício teórico do sócioconstrucionismo podem ser expressas como se segue:

- a. O conhecimento positivista-empirista é colocado sob suspeita, juntamente com o pressuposto de uma realidade "existente na natureza" e passível de ser apreendida de forma direta e descontextualizada.
- b. Os termos com os quais compreendemos o mundo são artefatos sociais de tal forma que existem importantes variações históricas e culturais dos conceitos utilizados nessa compreensão: estudos sobre o suicídio, esquizofrenia, transtornos psicológicos, infância, violência doméstica e menopausa (para citar alguns) revelam que

o critério para identificar tais 'condutas', 'eventos' ou 'entidades' está altamente circunscrito pela cultura, a história ou o contexto social, ou que não existe em si mesmo. (Gergen, 1985, p. 267)

Semelhantemente, a investigação construcionista revelou importantes variações históricas no conceito de criança, de amor romântico, de amor maternal e de self.

- c. As formas como são descritos os fenômenos sociais são em si mesmas formas de ação social. Além disto, a permanência ou predominância de uma determinada forma

5 Vários autores do campo da terapia familiar - dos quais citamos aqui apenas alguns - têm sido denominados, ou se autodenominado, de "construtivistas" e "construcionistas", uma vez que os pressupostos epistemológicos de ambos os movimentos informam discursos e práticas semelhantes.

de compreensão ao longo do tempo não é determinada fundamentalmente por sua validade empírica (ou seja, por sua suposta veracidade), mas sim por fatores relacionados aos próprios processos sociais.

Dizer que a linguagem é uma forma de ação social faz toda uma diferença. E o reconhecimento de uma dimensão pragmática da comunicação. As histórias, as formas como narramos os fatos, as qualidades que atribuímos a nós mesmos e às outras pessoas produzem *inevitavelmente* conseqüências imediatas nas relações sociais. Os terapeutas em geral conhecem a diferença que pode fazer a forma como se caracteriza um determinado conjunto de comportamentos, fenômenos ou sintomas. Assim, chamá-los de "sintomas" já introduz uma dimensão pragmática da qual não se pode escapar. Designar um diagnóstico médico tanto pode trazer alívio ao cliente (por exemplo, como quando se atribui uma depressão a um desequilíbrio químico, ao invés de uma fraqueza de caráter, desculpabilizando o indivíduo de suas limitações), como pode conduzir a uma atitude segundo a qual tudo está fora do âmbito das relações interpessoais, e nada se pode fazer além de "pacientemente" seguir as prescrições médicas.

Para o construcionismo social não existem propriamente "representações mentais" da realidade; melhor seria falarmos em "versões", "construções", "conceitos" ou "noções". São essas versões, forjadas nos processos de trocas sociais mediados pela linguagem, que *constroem* o mundo tal como o vivenciamos, numa via de dupla mão entre os constructos internos e os campos de trocas sociais (Gergen, 1985, 1989).

O construcionismo social quer romper com o dualismo metafísico intrínseco às epistemologias modernas e ainda presente nas formas atuais de psicologia cognitivista que partem das dissociações cartesianas entre o *sujeito* e o *objeto* do conhecimento, e entre *mente* e *matéria*. Quer romper, portanto, com o pressuposto de que a consciência é um espelho da natureza. Tais dissociações estão no centro do debate epistemológico *racionalismo* versus *empirismo*. A superação dessa dicotomia passa pela emergência de uma verdadeira revolução nas ciências humanas e sociais no sentido da substituição da epistemologia dualista por uma *epistemologia social*, a qual já não localiza o conhecimento no interior da mente individual, mas o entende como inerente aos padrões de relacionamento social. Essa passagem pode ser compreendida, segundo Gergen (1989), através de três movimentos que, como veremos, estão sintonizados com as características fundamentais do pensamento e da psicologia pós-modernos:

- a. *Da mente à linguagem*: Gergen propõe, diante dos impasses não resolvidos pela psicologia cognitiva sobre a natureza do conhecimento do mundo, que se mude o foco "dos interesses teóricos da mente" para "a relação entre as palavras e o mundo", ou seja, para a linguagem, enquanto produto e veículo do intercâmbio social. O conhecimento, afinal, não é uma aquisição de uma mente isolada, mas uma aquisição social;
- b. *Da precisão à prática*: tal passo, assim como o precedente, responde à impossibilidade de se determinar se o

conhecimento que uma pessoa tem do mundo corresponde com precisão à realidade objetiva. A linguagem, por sua vez, e segundo a perspectiva de Wittgenstein, não serve primariamente para se fazer um retrato do mundo e sim como um instrumento das práticas sociais. Nestes termos, as teorias científicas não terão sua validação medida pela capacidade de fazer predições, mas pela possibilidade de que os membros da comunidade científica possam coordenar entre si suas ações;

- c. *Da validade à utilidade*: como conseqüência direta das mudanças descritas acima, e da passagem de uma epistemologia individual para uma social, ocorre uma mudança de foco do *método* para os *resultados* concretos (sobre as práticas sociais) das teorias científicas. Uma perspectiva claramente pragmática que encontrará nas formas terapêuticas suas conseqüências mais imediatas.

Para o terapeuta pós-moderno, por exemplo, o objetivo terapêutico desloca-se da busca de verdades profundas ou do verdadeiro self, ocultos sob capas de discursos manifestos, para a construção de narrativas alternativas, mais funcionais, e que possibilitem interações interpessoais mais gratificantes e menos estereotipadas (Freedman & Combs, 1996; Omer & Alon, 1997; McNamee & Gergen, 1992).

O pragmatismo que impregna essa perspectiva não deve ser confundido com um relativismo absoluto, no qual tudo vale, nem com uma atitude segundo a qual o mais importante são os fins, não importa quais os meios que se utiliza para atingi-los. Ao contrário, na medida em que uma suposta realidade objetiva deixa de ser um parâmetro seguro para a avaliação do que é "verdadeiro" ou "falso", "certo" ou "errado", instaura-se uma dimensão tanto normativa quanto ética que é fundamental para as práticas construcionistas. Como afirma Gergen (1985), *devido à dependência inerente dos sistemas de conhecimento em comunidades de inteligibilidade compartilhada, a atividade científica sempre estará governada em grande medida por regras normativas* (p. 273). Entretanto, ao considerar que também essas regras são situadas histórica e culturalmente, o construcionismo as vê como sujeitas à crítica e à transformação. Justifica-se, portanto, a manutenção de parâmetros normativos na atividade científica, assim como do critério ético, sem o que não seriam possíveis os diálogos no interior das comunidades de pesquisadores (o que vale também para os terapeutas).

Conclusão

O construtivismo, cuja história está intimamente associada à história da terapia familiar sistêmica, vem em certa medida dando lugar ao construcionismo social como fundamento epistemológico para as novas formas de terapia psicológica, as assim chamadas "terapias pós-modernas" (Doherty, 1991; Freedman & Combs, 1996; Gergen, 1994; Hoffman, 1992; McNamee & Gergen, 1992). Ambas as perspectivas, entretanto, conduzem a modelos terapêuticos nos quais o terapeuta não mais se coloca numa posição de observação imparcial dos fatos, mas inclui-se reflexivamente como parte de um sistema produtor de significados, o *siste-*

ma terapêutico. A aceitação, por parte do terapeuta, desses pressupostos, conduz a uma profunda mudança de atitude frente ao próprio saber e, conseqüentemente, às práticas nele engendradas. Os conceitos ditos "científicos", inclusive aqueles com os quais se opera nos diversos modelos terapêuticos, assim como as respectivas teorias de self, já não são entendidos como reificações, nem tampouco como retratos ou representações de uma realidade objetivamente existente. São metáforas, ou artefatos lingüísticos, indissociáveis da cultura e da história em que se constituem e, mais do que isso, são formas concretas de ação social⁶.

As conseqüências práticas desses pressupostos estendem-se à dramática mudança de perspectiva em relação ao que se entende por self: o self deixa de ser um conjunto de atributos mais ou menos estruturados, organizados em camadas de experiência e localizados "no interior da mente". Os elementos propriamente *intrapsíquicos* só podem ser entendidos em articulação com aqueles *interpessoais*; as relações diádicas como subsistemas das relações familiares; as relações familiares como parte de contextos culturais mais amplos e assim por diante.

Como procuramos demonstrar em outro momento (Soar Filho, 1997), o self que emerge da psicologia contemporânea ou pós-moderna é um self processual, relacional e repleto de potencialidades que se atualizam diferentemente em cada contexto de interação. Em consonância com a epistemologia pós-moderna, as terapias deixam de estar centradas na busca de um self "verdadeiro" localizado no passado e em camadas profundas do inconsciente, ou na busca de uma verdade essencial, a ser revelada pelas interpretações "corretas" do terapeuta. As novas terapias, que em grande medida se desenvolveram a partir do paradigma sistêmico e que hoje compõem um heterogêneo conjunto de modelos baseadas na noção de *narratividade*, estão ancoradas nos novos paradigmas da ciência e na visão pós-moderna de mundo aqui descritos. O foco dessas terapias psicológicas volta-se para as realidades construídas nas relações interpessoais, e para a construção de novas realidades nos processos de conversação terapêutica.

Ao adotar a epistemologia construcionista, o terapeuta passa a um nível metateórico de reflexão, abrindo-se a uma multiplicidade de descrições sobre a realidade. Nesse nível, os diferentes discursos sobre os eventos e os constructos são entendidos como visões complementares da realidade, todos igualmente situados histórica e culturalmente (Gergen, 1994). Já não se trata, portanto, de se eleger um modelo "neuroquímico" ou "psicodinâmico" ou "sistêmico" de self (e de terapia) como o mais verdadeiro. Tais modelos podem ser aceitos como complementares e operados - pragmaticamente - em função de suas especificidades.

Como já comentamos anteriormente, na medida em que parâmetros como "verdadeiro" e "falso" estão sob suspeita,

uma nova dimensão ética das práticas científicas - e terapêuticas - constitui-se como interface da responsabilidade dos agentes envolvidos na descrição/construção da realidade. Cristina Ravazzola (1997), terapeuta familiar argentina que trabalha com o problema da violência familiar, fornece um bom exemplo da responsabilidade do terapeuta na manutenção/desconstrução dos contextos propiciadores de violência. Essa autora refere-se aos agentes terapêuticos como "atores contextuais", uma vez que, no mesmo momento em que entram em contato com os casos de violência passam a ser testemunhas ativas, cujas respostas afetivas ou verbais podem funcionar como elemento legitimador ou, ao contrário, desestabilizador dos circuitos recursivos da violência.

Referindo-se ao *sistema de gênero* (os pressupostos culturais que mantêm crenças relacionadas à superioridade masculina), Ravazzola afirma:

[...] temos que estarem condições de revisar sistematicamente como pensamos e quais são nossas próprias crenças sobre os temas e as posições que aparecem nas conversações das quais participamos com os demais atores desses sistemas, uma vez que corremos o risco de avaliar ou reforçar inadvertidamente afirmações que sustentam a violência. *Necessitamos, então, identificá-las com nitidez para interromper sua circulação e as conseqüências que produzem*, (p. 61)⁷

Indissociável desse compromisso ético está também o compromisso das terapias construcionistas com a mudança, com o devir, com a superação das narrativas indutoras de paralisia e de aprisionamento das pessoas nos circuitos recursivos dos comportamentos sintomáticos: o compromisso com a construção de novas realidades compartilhadas que já não podem ser entendidas como subjetivas ou objetivas, intrapsíquicas ou interpessoais. As realidades futuras, como as presentes, serão sempre realidades *sociais*.

Referências

- Abib, J.A.D. (1996). Revoluções psicológicas: um retorno a Wilhelm Wundt, William James e outros clássicos. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 6(1), 107-143.
- Andersen, T. (1987). The reflecting team: Dialogue and meta-dialogue in clinical work. *Family Process*, 26, 415-428.
- Anderson, H. & Goolishian, H.A. (1988). Human systems as linguistic systems: Preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process*, 27, 371-393.
- Anderson, H. & Goolishian, H.A. (1992). The client is the expert: A not-knowing approach to therapy. Em S. McNamee & K.J. Gergen (Orgs.), *Therapy as social construction* (pp. 25-39). London: Sage.
- Assoun, R-L (1983). Introdução à epistemologia freudiana. (H. Japiassu, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho Original publicado em 1981)
- 7 A propósito da contextualização das hipóteses (interpretações) do terapeuta, ver também o artigo de Cecchin (1994/1996).

6 O impacto que os novos paradigmas da cultura e da ciência - construtivistas e construcionistas - apresentam para a noção de subjetividade e para as práticas sociais são imensos e amplamente discutidos numa coletânea organizada por Schnitman (1994/1996).

- Bateson, G. (1986). *Mente e natureza: a unidade necessária*. (C. Gerpe, Trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho originalmente publicado em 1979)
- Behncke, R. (1995). O pé da árvore. Em H. Maturana & F. Varela (Orgs.), *A árvore do conhecimento*. (J.P. dos Santos, Trad.) Campinas: Editorial Psy. (Trabalho original publicado em 1987)
- Boscolo, L., Cecchin, G., Hoffman, L. & Penn, P. (1993). *A terapia familiar sistêmica de Milão*. (CA. Molina-Loza & C. Sutter, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1987)
- Cecchin, G. (1996). Construcionismo social e irreverência terapêutica. Em D. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. (J.H. Rodrigues, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1994)
- Doherty, W.J. (1991). Family therapy goes post-modern. *The family therapy networker*, sept-oct, pp. 37-42.
- Esteves de Vasconcelos, M.J. (1995). *Terapia familiar sistêmica: bases cibernéticas*. Campinas: Editorial Psy.
- Freedman, J. & Combs, G. (1996). *Narrative therapy: The social construction of preferred realities*. New York: Norton.
- Gergen, K.J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275.
- Gergen, K.J. (1989). Social psychology and the wrong revolution. *European Journal of Social Psychology*, 19, 463-484.
- Gergen, K.J. (1991). *The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- Gergen, K.J. (1992). Toward a post-modern psychology. Em S. Kvale (Org.), *Psychology and Post-modernism* (pp. 17-30). London: Sage.
- Gergen, K.J. (1994). *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Hoffman, L. (1981). *Foundations of family therapy*. New York: Basic Books.
- Hoffman, L. (1990). Constructing realities: an art of lenses. *Family Process*, 29(1), 1-12.
- Hoffman, L. (1992). A reflexive stance for family therapy. Em S. McNamee & K.J. Gergen (Orgs.), *Therapy as social construction* (pp. 7-24). London: Sage.
- Keeney, B.P. (1983). *Aesthetics of change*. New York: Guilford Press.
- Kuhn (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago.
- Kvale, S. (1992) Introduction: from the archaeology of the psyche to the architecture of cultural landscapes. Em S. Kvale (Org.), *Psychology and Post-modernism* (pp. 1-16). London: Sage.
- Maturana, H. & Varela, F. (1995). *A árvore do conhecimento*. (J.P. dos Santos, Trad.) Campinas: Editorial Psy. (Trabalho original publicado em 1987)
- McNamee, S. & Gergen, K.J. (1992). *Therapy as social construction*. London: Sage.
- Morin, E. (1997). *Introducción al pensamiento complejo*. (M. Pakman, Trad.) Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1990)
- Omer, H. & Alon, N. (1997). *Constructing therapeutic narratives*. Northvale, N.J.: Jason Aronson Inc.
- Pakman, M. (1988). Una actualización epistemológica de las terapias sistêmicas. *Psyche*, Buenos Aires, 21, 34-37.
- Pakman, M. (1991). Introduction. Em H. von Foerster (Org.), *Las semillas de la cibernética: obras escogidas de Heinz von Foerster* (pp. 15-38). Barcelona: Gedisa.
- Polkinghorne, D.E. (1992). Post-modern epistemology of practice. Em S. Kvale (Org.), *Psychology and Post-modernism* (pp. 146-165). London: Sage.
- Prigogine, I. & Stengers, I. (1985). *A nova aliança: a metamorfose da ciência*. (M. Faria & M.J. Machado Trincadeira, Trad.) Brasília, DF: Editora UnB. (Trabalho original publicado em 1979)
- Rapizo, R. (1996). *Terapia sistêmica de família: da instrução à construção*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS.
- Ravazzola, M.C. (1997). *Histórias infames: los maltratos en las relaciones*. Buenos Aires: Paidós.
- Schnitman, D. (1996). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (J.H. Rodrigues, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1994)
- Sluzki, CE. (1987). Cibernética y terapia familiar. *Sistemas Familiares*, 3(2), 65-9.
- Sluzki, CE. (1992). Transformations: A blueprint for narrative changes in therapy. *Family Process*, 31, 217-230.
- Soar Filho, E.J. (1997). *Variis multiplex multiformis: epistemologia do self no pós-modernismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Von Glaserfeld (1994). Introdução ao construtivismo radical. Em P. Watzlawick (Org.), *A realidade inventada: como sabemos o que cremos saber?* (pp. 24-45). (Trabalho original publicado em 1981) Campinas: Editorial Psy.
- Watzlawick, P., Beavin, J.H. & Jackson, D.D. (1967/1988). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix.
- White, M. & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton.
- Zusman, W (1988). Nuestra ciencia y nuestra vida científica. *Revista de Psicoanálisis*, 45(6), 1193-1215.
- Zohar, D. (1990). *The quantum self: Human nature and consciousness defined by the new physics*. New York: Quill/William Morrow.

Recebido em 29.05.1998

Primeira decisão editorial em 05.02.1999

Versão final em 02.03.1999

Aceito em 03.03.1999 ■